
Para Que Serve um Boato Numa Crise Democrática? Reflexões Sobre os Sintomas, a Participação e a Utilidade dos Boatos na Crise da Democracia Brasileira.¹

Iasminny Thábata Sousa CRUZ².
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Os problemas complexos de hoje não têm suportado respostas complexas, e deveriam. Mas os tuítes e os boatos, afinal, satisfazem a temporalidade da crise: quando a globalização torna nossas decisões um ato de ligeireza, não há tempo para elucubrações. Neste artigo, apresentamos o interesse pelo termo “boato” nas buscas do Google no período de doze meses entre abril de 2018 e abril de 2019: greve dos caminhoneiros, mamadeiras fállicas e kits educativos controversos. E discutimos, sob o aspecto da formação da opinião pública, as interações em público dos sujeitos que vão resultar do interesse e do choque coletivo por problemas em alguma fração percebidos como comuns, além da creditação simbólica valorativa desses dilemas: a fraude às urnas eleitorais é ou não uma informação verdadeira? A ambiguidade caminha com o boato, e a crise da democracia também.

PALAVRAS-CHAVE: boatos; crise; democracia; populismo; opinião pública

1. INTRODUÇÃO

Crise, segundo uma das definições do Dicionário Michaelis é o “estado em que a dúvida, a incerteza e o declínio se sobrepõem, temporariamente ou não, ao que estava estabelecido como ordem econômica, ideológica, política etc” (MICHAELIS, 2019). Os casos apontados pela publicação para exemplificar o que seria esta crise indicam colapsos em diferentes territórios da vida dos seres humanos. Uma crise, em sua complexidade, acabaria por trazer, por exemplo, instabilidade em áreas morais, religiosas e dos costumes do sujeito.

Antes de nos atentarmos em algumas das especificidades desta definição, tomemos um momento para conhecermos o entendimento comumente associado à expressão “crise social”, pelo mesmo dicionário. Segundo ele, uma crise social é o:

Processo de ruptura conjuntural ou estrutural no funcionamento e na organização de uma sociedade, com a concomitante perturbação das normas e dos padrões que regem essa sociedade e a introdução de importantes mudanças

¹ Trabalho apresentado na DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), e-mail: iasminnytscruz@gmail.com

nos setores cultural e religioso, podendo, inclusive, afetar o ordenamento socioeconômico, as relações sociais de produção, a estrutura da família etc., o que exige do sistema político o enfrentamento de novos questionamentos e novas necessidades. (MICHAELIS, 2019)

Em casos como este, em que a definição de um fenômeno pode nos ajudar a reconhecer os entendimentos habitualmente associados a ele, as definições que encontramos nos dicionários - que se encarregam de nos ajudar a pensar o senso trivial de nossos hábitos e contexto histórico - nos aproximam dos valores e características mais ordinários do próprio fenômeno. Por ser a democracia também um hábito de nosso cotidiano contemporâneo, e por ela estar, sob diversos pontos de vista, atravessando uma crise; e se tentamos entender esta crise inicialmente a partir do nosso senso comum de o que seria uma crise, perceberemos que as ideias que rapidamente associamos a esta instabilidade são a presença da *dúvida*, da *incerteza* e do *declínio*, que *se sobrepõem*. Ou seja, diferentes inconsistências que ocorrem umas sobre as temporalidades das outras, tornando essas oscilações momentos de insegurança, hesitação e ambiguidade.

Em uma crise da democracia, a partir da visão do povo (*demos*) como uma organização social em constante construção, uma crise vai romper com a conjuntura e a estrutura nas quais a sociedade costumava funcionar. Numa era de globalização, hipercomunicação, pós-verdade, espectros de identidades, redes sociotécnicas, limites incertos dos Estados-nação, e instituições supranacionais como o Facebook (dono do Whatsapp e Instagram) - que lidam com parte relevante da nossa comunicação na contemporaneidade em escala mundial, resta-nos enquadrar parte de nossa realidade para buscar compreensões e cognições mais assertivas sobre quem somos, onde estamos, e por que importa saber disso.

Se hoje a arena pública - aquela onde ocorrem os debates públicos, ou que pela interação aparecem nesta arena - está condicionada à globalização e se é nesta arena que os debates de uma esquecida *pólis* ocorre, por consequência, tanto a espacialidade pública de debate quanto à democracia e a vida das pessoas estará sujeita e condicionada pelas características de funcionamento e de comunicação da globalização. Não existe escapatória: hoje, a soberania dos Estados forjados numa época de liberalismo econômico e social passa a ser organizada e subordinada a estruturas

políticas e econômicas financeiras supranacionais. E, neste caso, em meio às intensas incertezas e rupturas da atualidade, a importância do modo como nos comunicamos mexe com o que consideramos ser o certo e o errado, a verdade e a mentira, nossos laços familiares, nossos gostos, medos, fantasias e expectativas de futuro.

Pensemos nos casos do Facebook, Whatsapp e Twitter, cujas arquiteturas de funcionamento sobrepujam as fronteiras dos países e criam comunidades de pessoas que se relacionam, distorcendo a todo momento o tempo, o espaço e a economia entre elas. Um dos autores que nos ajuda a pensar nisso é Andreas Hepp (2014). O especialista em cultura da mídia vai nos descrever o fenômeno da midiatização associado ao da formação da opinião pública. A centralidade de sua visão admite que tanto a existência de uma variedade de mundos sociais compartilhados, quanto a pluralidade de interações advindas desses mundos são consequências características de nosso tempo.

Apesar de o estudioso partir de um pensamento técnico das mídias sociais, ou seja, de que “os vários tipos de mídia que usamos [servem] para expandir nossas capacidades de comunicação além do aqui e agora” (idem, p.46), levar em consideração a midiatização na formação da opinião pública nos ajuda a entender como esses novos canais amplificam o potencial comunicativo dos públicos, tornando mais complexas as demandas conversacionais do nosso dia-a-dia e alterando a maneira como as pessoas se informam e tomam decisões.

E, como sabemos, a liberdade para tomar decisões é um dos entendimentos comuns dentro de uma democracia. Em uma democracia, precisamos de liberdade - ou, ainda, da sensação de liberdade - para falar e votar, ao mesmo tempo que quem exerce o poder pode sentir que faz parte da democracia certo grau de controle da comunicação para a gestão da recepção de informações e notícias. E esta é uma porta pela qual os boatos entram e fazem sua participação, e para isso que servem e são úteis em uma crise na democracia - para, oportunamente, preencher espaços vazios de entendimentos, utilizando-se de nossas tendências de comportamento e fé para nos posicionar no mundo. *Kit gay e mamadeiras de piroca* são reais? Em interação, nós decidimos.

Em *How Democracy Ends* (2018), David Runciman rememora o tempo em que a democracia viveu seu auge mais contemporâneo: o século 20, e quando, nesse

período, ela acabou por meio de golpes, guerras, ditaduras, sangue, violência e tanques nas ruas. As ameaças atuais de como as democracias chegam/chegarão ao fim são, no entanto, diferentes agora, uma vez que

A grande questão do século XXI é saber por quanto tempo poderemos manter os arranjos institucionais em que estamos tão habituados a confiar, a ponto de nem notar mais quando param de dar resultado. As eleições regulares são um desses arranjos e continuam a ser o grande alicerce da política democrática. Mas também envolvem corpos legislativos democráticos, tribunais independentes e uma imprensa livre. Todos eles podem continuar a funcionar da maneira habitual, mas sem nos proporcionar o que deviam garantir. (RUNCIMAN, 2018).

E há de tudo nesta crise: descrédito lançado contra a imprensa e os resultados objetivos, por exemplo, das eleições; dúvidas à credibilidade dos dados, fé na opinião em detrimento dos fatos objetivos e concretos da realidade, delimitações impostas aos sujeitos que não se enquadram no que seria o “povo real” a que a *demos* da democracia diria respeito; e a quem, afinal, a democracia deveria representar. Também aqui os boatos entram e fazem sua participação, tornando-se úteis em uma crise na democracia.

Por não existir consenso, dentre os teóricos do assunto, nem sobre as semelhanças nem acerca das diferenças em âmbito etimológico ou conceitual sobre o que seria um boato, e muito menos uma preocupação com o contexto brasileiro para uso do termo, optamos por aceitar e adotar o que já se conhece e é defendido pelo teórico estudioso da área Jean-Noël Kapferer na obra “Boatos, o mais antigo mídia do mundo” (1993) em relação ao conceito de boato: “chamaremos, portanto, de boato, a emergência e a circulação no corpo social de informações que não foram ainda confirmadas publicamente pelas fontes oficiais, ou que não foram desmentidas por estas” (p.16).

No entanto, o que é estabelecido e precisa ser guardado, é que a conceituação de boatos não se liga à verdade, ou à mentira da informação que circula - esta dúvida caminha com ele e quem decide sua veracidade somos nós, públicos, em interação. O mais correto é entendê-lo por seu *potencial de verificação* (KAPFERER, 1993), de ser esclarecido. Assim, os boatos são: fenômenos sociais, ordinários, pragmáticos, interativos e conversacionais, não ligados primordialmente à verdade, mas ao seu potencial de verificação e à busca pelo entendimento do mundo dos sujeitos que se relacionam através ou não das redes sociais digitais. Desse modo, sigamos.

2. CRISE, POPULISMO E PARADOXO DO PODER POPULAR.

Quando Yascha Mounk, na obra “O Povo Contra a Democracia” (2019)³, traz para o centro do debate de uma crise democrática a importância e as vicissitudes *do povo*, ele levanta a bola de uma discussão sobre o populismo e os governos populistas tanto dos espectros da direita quanto da esquerda política.

Outra crítica interessante que nos ajuda a pensar vem de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, na obra *How Democracy Dies* (2018). Como destacado pelos autores, em um regime democrático, as duas regras informais decisivas para o funcionamento de uma democracia seriam: a tolerância mútua e a reserva institucional. Quer dizer:

Tolerância mútua é reconhecer que os rivais, caso joguem pelas regras institucionais, têm o mesmo direito de existir, competir pelo poder e governar. A reserva institucional significa evitar as ações que, embora respeitem a letra da lei, violam claramente o seu espírito. Portanto, para além do texto da Constituição, uma democracia necessitaria de líderes que conheçam e respeitem as regras informais. (...) Entender o modo com que regimes democráticos tradicionais e consolidados são enfraquecidos de modo “legal”, por dentro, é fundamental. (LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel, 2018).

Falamos, portanto, não de uma crise proveniente de golpes violentos, sangrentos, mas da subversão dos líderes eleitos que enfraquecem o próprio processo que o levou a ser eleito. No primeiro caso (mais antigo de morte), a morte da Democracia é mais objetiva, imediata e evidente; no segundo caso, a via eleitoral dá o ar de que as coisas andam sob controle, ainda que gere perplexidade e confusão nos indivíduos. É, por isso também, uma crise interna, com uso dos próprios princípios do funcionamento da democracia para aleja-la de dentro para fora, mantendo a fachada de funcionamento. O caso mais emblemático dá-se pelo nome de Donald Trump, mas o caso de nossa história nacional, dá-se pelo nome de Jair Bolsonaro. Explicamos.

Obviamente, a discussão de uma crise da democracia precisa passar por uma crise de seu radical: o povo. A ascensão do populismo vai estar presente como característica nas crises do regime democrático e também das liberdades individuais.

Isso porque, o que define o populismo, segundo Mounk, é essencialmente uma reivindicação de representação exclusiva do povo. E isso é feito a partir justamente do

³ O Povo Contra a Democracia - Porque Nossa Liberdade Corre Perigo e Como Salvá-la. MOUNK, Yascha. 2019

uso das normas democráticas de participação representativa popular (cerne da democracia) para a delimitação de um povo real, que vale à pena ser representado. O populismo destrói a multiplicidade das redes culturais e sociais e advoga em defesa da homogeneização de uma identidade única e conciliadora contra o diferente, o inimigo, o intruso e aqueles que não colaboram com esta ideia: são as minorias que têm que se curvar às maiorias⁴, e o Brasil que está acima de tudo.

Assim, esvaziado em sua generalidade, “o Brasil” é preenchido pelo que cada um (a maioria) entende que seria o povo que vale à pena ser representado. Daí, a relutância em tolerar a oposição, ou respeitar a necessidade de instituições independentes e a liberdade de imprensa. Buscando a todo custo o poder e lançando mão de diversas artimanhas, o governo populista apaga as diferenças e força julgamentos iguais para demandas diferentes. Os problemas complexos de hoje não têm suportado respostas complexas, e deveriam. Mas os tuítes e os boatos, afinal, satisfazem a temporalidade da crise: quando a globalização torna nossas decisões um ato de ligeireza, não há tempo para elucubrações.

Ainda assim, é ingênuo indagar por que se acredita nos boatos, e por que os repassam adiante. Ingênuo, porque um entendimento mais maduro sobre os boatos nos indica que o que eles fazem é justamente se aproveitar da nossa tendência em acreditar e em aceitar explicações apenas suficientemente boas para questões complexas.

Por isso, sem correr o risco de esgotarmos o assunto sobre o populismo, Mounk nos faz chegar ao seguinte paradoxo: a promessa de dar livre expressão à voz do povo é a característica central do populismo. O peso recai sobre a discriminação de *o que é* o povo e *quem é* o povo. Está-se demarcando o *demos* da qual a democracia diz respeito e, como admitimos, também se reivindicando um monopólio moral desta representação. Também em Hannah Arendt encontraremos respaldo para a seriedade deste risco acerca do apagamento das diferenças de um povo como um dos caminhos a ser percorrido rumo a um governo totalitário. E isso, como vemos, é um risco que já estamos correndo.

⁴ Em um encontro na Paraíba, em fevereiro de 2017, Jair Bolsonaro declarou: “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as maiorias”.

Há a crise da representação e a crise das liberdades individuais, e o autor nos explica que “grande parte da energia por trás da ascensão populista é profundamente iliberal: quando manifestantes em escrevem que ‘Maomé não é bem-vindo’, ou cantam ‘Nós somos o povo’” (MOUNK, 2019), isto representa um desafio fundamental ao respeito pelos direitos individuais e, em essência, coloca armadilhas para a indicação dos inimigos, e para a delimitação de quem merece ser reconhecido como povo. O lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” de Bolsonaro, no Brasil, compreende bem este apagamento das diferenças e sinaliza a crise pela qual passamos atualmente.

3. A VIDA DE UM BOATO EM UMA CRISE DA DEMOCRACIA

Vejamos bem:

O que torna as redes assustadoras é a ideia de que podem entrar em colapso sem aviso prévio. E nem precisa haver intervenção humana intencional. (...) A força das redes é o que as torna perigosas: não há nada nem ninguém encarregado do próximo acontecimento. (...) O perigo terrível de tudo estar ligado a todo o resto é a perda de qualquer senso de perspectiva. Não temos meios de decidir o que realmente importa, porque nada é irrelevante e nada tem importância concreta. (RUNCIMAN, David. 2018)

Quer dizer, o risco para o fim da democracia vem também de setores que não necessariamente são comportados por ela em seus Estados-nação locais. Isso, devido à própria globalização, à existência de problemas - como o aquecimento global, que necessitam de atuações e de acordos de instituições supranacionais, à hipercomunicação, à discussão contemporânea a respeito da veracidade das informações que recebemos, da força para desmentir notícias falsas, da pós-verdade⁵, e da preocupação com a detenção e uso dos dados que deixamos na internet.

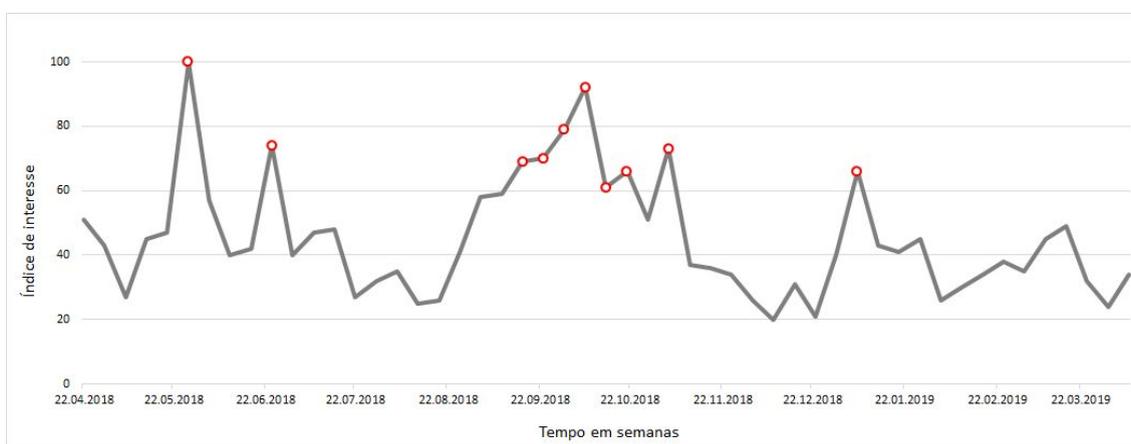
Basta o medo do fim da existência do que se considera ser o que nos sustenta (a nossa verdade, o nosso entendimento de certo, e quem consideramos digno de ser considerado povo) para comprometer as redes de amarras e de percepção das amarras

⁵ A “pós-verdade” como conceito tem sido discutida com mais atenção atualmente, apesar de ser uma noção avaliada já desde o início da década de 1990. O termo, escolhido pela Oxford Dictionaries como a “palavra do ano de 2016”, é por eles definida como sendo algo que se “relaciona ou denota circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que o apelo às emoções e crenças pessoais” (tradução da autora). No original, em inglês: “*is post-truth – an adjective defined as ‘relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief’*”. Acesso disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>

democráticas nos Estados. E os boatos são muito eficientes no preenchimento e reafirmação de nossas certezas, tanto quanto muito eficientes em não levantar novas perguntas, uma vez que o que os boatos fazem é justamente se aproveitar de nossas experiências, medos e expectativas, tendo, inclusive, efeitos sobre o repasse da mensagem apenas “pelo sim, pelo não, eu não tenho certeza, mas vai que é verdade”, apenas pelo desejo de se mostrar bem informado.

Nos período de doze meses entre abril de 2018 e abril de 2019, tempo em que passamos pelo pleito que levou o *outsider* político Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, encontramos nas buscas públicas do Google as procuras e associações feitas por internautas ao termo “Boato” (Gráfico 1).

Gráfico 1: Busca pelo termo "Boato" entre abril de 2018 e abril de 2019 no Brasil.⁶



Fonte: Autora, 2019

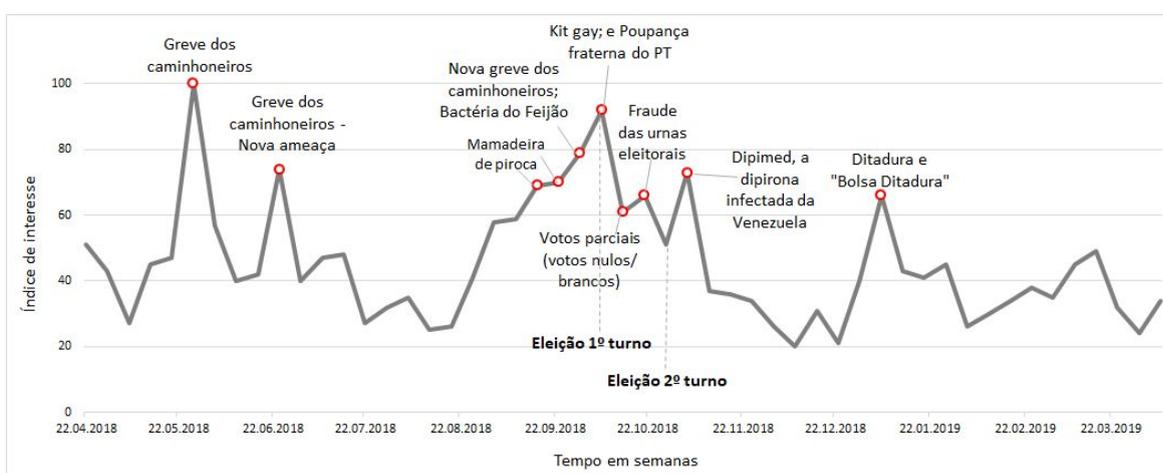
São recortes, claro, de um contexto sensível para o futuro que viria do país, mas são recortes que nos posicionam acerca dos esforços de checagem e de desmentimento dos boatos, e do próprio interesse dos sujeitos pelos assuntos procurados - indícios de que, nas conversações e interações pessoais, os assuntos eram motivo de diálogo fora da internet. A diferentes espectros da direita e da esquerda política servem os boatos. Em vista disso, lembremos que não faz parte da definição de boato nem a afirmação primária de sua veracidade, nem a de sua falseabilidade. A ambiguidade vai com ele.

⁶ Os números representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.

Sob o aspecto da formação da opinião pública, as interações em público dos sujeitos, dentro ou fora das redes sociais digitais, vão resultar do interesse e do choque coletivo por problemas em alguma fração percebidos como comuns, do compartilhamento de visões de mundo, dos conhecimentos partilhados que estão fragmentados nas memórias dos sujeitos, e da creditação simbólica valorativa dos dilemas: a fraude às urnas eleitorais é ou não uma informação verdadeira?

Na dinâmica visível das associações ao termo “boato” entre os meses de abril de 2018 e abril de 2019 no Google, confirmamos o caráter oportunista dos boatos, quer dizer, de encaixar-se na conjuntura e de moldar-se ao presente sempre que aparece. Tal como as notícias segmentam-se com o tempo devido, em parte, ao interesse do leitor, também os boatos, para sobreviver, mudam seus conteúdos. É por isso que vemos, no decorrer desse período, rastros de diferentes picos de interesse que acabaram por estar associados ou mesmo se tornado os motivos alimentadores de boatos (Gráfico 2).

Gráfico 2: Associações ao termo "Boato" entre abril/ 2018 e abril/2019 no Brasil.



Fonte: Autora, 2019

Uma das descobertas imediatas aparece quando notamos as datas do primeiro e segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Na mesma semana em que ocorreu o primeiro turno do pleito, o Kit Gay e a chamada “Poupança Fraterna do PT” conquistaram o segundo maior pico dos doze meses, atrás apenas das conversações e do risco sobre greve dos caminhoneiros.

A semana do segundo turno, apesar de não estar destacado nos detalhes, figura acima da média das buscas (pontua em 51 no seu valor, e a média é de 45,3 no período)

é sucedido e precedido de picos bastante significativos: a recorrente discussão sobre as fraudes das urnas eleitorais, e a história de um suposto remédio venezuelano que estaria envenenando os cidadãos brasileiros. Detenhamos-nos um pouco mais nesses dois casos, lembrando-nos do contexto de intenso atrito entre os familiares e amigos, entre os correligionários e os pedestres, e da sensação conflitante entre agudo risco e profunda esperança daquelas semanas.

Diante de um pleito que se envolveu em tantas controvérsias quanto a “Mamadeira de Piroca” e o “Kit Gay”, o segundo turno acirrou a desconfiança dos públicos - o que foi alimentado por boatos de fraudes às urnas eleitorais. Duvidar da credibilidade e lisura do resultado das eleições não é uma estratégia original, tendo sido utilizada por Donald Trump contra Hillary Clinton, nos Estados Unidos, por exemplo. Desta forma, levanta-se um inimigo, intimida-se a imprensa devido a desconfiança de que ela, por não estar informando sobre as fraudes é uma mídia comprada pelo “outro lado”; e se abastece o medo do futuro. A ameaça à rejeição dos resultados das eleições é um dos sintomas que nos encaminha para um governo totalitário: para um governo populista e totalitário não existe opção correta a não ser a vitória e o consenso, não existe modo de perder, e se acaso se houvesse chegado a perder, teria sido, segundo esta teoria do boato das fraudes às urnas, tudo uma armação.

Na semana anterior, os boatos que circularam colocaram especial atenção ao também recorrente mal entendimento sobre o que se deu a alcunha de “votos parciais”. Ou seja, o mau entendimento sobre as opções de votos incompletos, nulos e brancos nas urnas. De acordo áudios que circulavam, o voto seria anulado em caso de escolha de candidatos para apenas um cargo. A Justiça Eleitoral agiu sobre o caso, que carrega uma série de complexidades: desde a aversão e desconhecimento das pessoas no que tange o uso de uma tecnologia considerada fraudável por uma parcela da população, também a burocracia e o não-saber em detalhes como funciona a apuração dos votos servem para depositar ainda mais insegurança e alimentar a desconfiança no resultado da eleição.

Após o resultado do segundo turno da eleição, um novo e diferente ataque às nossas certezas e opiniões sobre os nossos vizinhos da Venezuela é lançado. Neste caso, o boato se alimenta de nossos medos da crise, do que queremos para o futuro em

termos de economia para o país, o receio da aproximação de tudo que possa envolver um governo totalitário de esquerda - o que leva facilmente os sujeitos para as associações contra tudo que possa envolver a ideia de comunismo. É um exemplo de caso do usufruto inteligente que os boatos fazem dos preconceitos e dos estereótipos que todos nós sustentamos como públicos em interação. De quem você tem medo?

A dinâmica do boato vai depender, sobretudo, dessa racionalização social que não pode ser confundida com ingenuidade ou estupidez, uma vez que ao serem introduzidos no corpo social, os boatos podem ser inicialmente divulgados exatamente como uma informação verídica e, desta mesma maneira, seguir atravessando nossa experiência - sem levantar nenhuma bandeira amarela de atenção de que aquela informação é um boato e, em consequência, gerando riscos aos públicos.

Nos doze meses entre abril de 2018 e 2019, o maior e mais frequente dos boatos, e também o primeiro e segundo dos destaques, foi a conversação sobre a greve dos caminhoneiros. Sabemos que o ano de 2018 foi um ano de oscilação política e crise governamental e institucional. Esse era o contexto, e à semelhança com o boato do confisco da poupança, que se tornou recorrente após um caso concreto, o boato sobre a greve dos caminhoneiros volta não apenas em junho de 2018, mas em setembro do mesmo ano, antes do primeiro turno.

Neste boato, o que o distingue é o medo para o risco de uma nova paralisação que poderia se tornar novamente real, uma vez que devido uma ação organizada pelas redes do Whatsapp, o Brasil viu entrar em greve mais de um milhão de caminhoneiros entre os dias 21 e 31 de maio de 2018. O movimento representou uma das mais sérias paralisações da história do país, e durante os 12 dias que se seguiram ao anúncio da greve, o Brasil sofreu com situações calamitosas em todos os estados: aeroportos pararam de funcionar, limitou-se a circulação de ambulâncias e a realização de cirurgias; a Petrobrás também entrou de greve, as Universidades Federais suspenderam aulas, e Michel Temer chegou a acionar as Forças Armadas na tentativa de desbloquear as estradas. O medo de uma nova paralisação era quase razoável.

O terceiro e quarto picos de destaques são sobre a “mamadeira de piroca”, utensílio com bico em formato de pênis que estaria sendo distribuído nas escolas e

creches municipais por determinação do Partido dos Trabalhadores (PT) e de Fernando Haddad, candidato do PT à eleição presidencial. A informação sobre a mamadeira era fortalecida pela existência de um vídeo, de menos de um minuto, publicado em 25 de setembro de 2018 e que quase ultrapassou três milhões de visualizações em menos de 48 horas apenas em uma publicação no Facebook. Devido à peculiaridade e especial capacidade de causar choque aos ouvintes deste boato, ele acabou por ultrapassar as características comuns do boato para assumir formatos associados às *fake news*.

Junto ao quinto ponto de novo risco de greve dos caminhoneiros, encontramos o boato da “bactéria do feijão”, que dizia que colocar feijão de molho com vinagre antes de cozi-lo mataria uma bactéria que nem antibióticos estariam resolvendo. O caráter comezinho do cozimento do feijão, grão que faz parte da alimentação cotidiana das pessoas, ajuda a explicar a amplitude do impacto deste risco.

O sexto ponto ocorreu na semana do primeiro turno eleitoral. O Kit Gay e a “Poupança Fraternal do PT”. O que se apelidou como “Kit Gay” era, na verdade, um projeto real intitulado “Escola sem homofobia”, do Ministério da Educação, composto de caderno, boletins, cartazes, cartas de apresentação e vídeos. O boato, que se tornou uma fake news, atribuía a Fernando Haddad a criação do kit, bem como sua distribuição para crianças de 6 anos. Na verdade, o material era voltado para gestores e educadores.

O kit gay foi uma associação que se mostrou de essência intrinsecamente moral. Pauta defendida pelo candidato Jair Bolsonaro durante sua campanha à presidência, a moralidade dos costumes e da política fazem lembrança às características de governos totalitários e populistas, que buscam ser unanimidade moral para “o povo”.

O caso da “Poupança Fraternal do PT”, que deriva do Projeto de Lei Complementar 137/2004, de autoria do deputado Nazareno Fonteles (PT-PI), é desmentido desde 2006, mas retornou em 2018. O boato dizia que o brasileiro só poderia gastar até R\$ 8,7 mil da própria renda mensal e o excedente deveria ir para uma conta e só seria devolvido após 14 anos. Uma nova espécie de confisco da poupança que teria como culpado unicamente o PT, na semana do primeiro turno da eleição.

Depois disso vieram os destaques dos votos parciais, das fraudes às urnas eleitorais, da medicação venezuelana e, por fim, já em janeiro de 2019, momento da

posse do novo presidente, boatos sobre a ditadura e a “bolsa ditadura”. Na boataria sobre a ditadura, foi-se dito que o Ministro Luiz Fux, do STF, havia decretado o fim do auxílio para anistiados na Ditadura, dentre eles Gilberto Gil e Caetano Veloso. Em meio à primeira semana de governo, o caso foi recebido como “boa notícia” por parte dos sujeitos e tido como anúncio do fim de regalias “ao outro lado”.

Assim, como pudemos observar, disseminam-se boatos por diversas razões. Disseminam-se boatos por medo, em situações de profunda incerteza, devido às inseguranças e crises do contexto. Não há exatamente como determinar essas motivações de origem, porque as motivações vão se sobrepondo e se misturando conforme a informação circula, sendo dependente da subjetividade dos indivíduos que interagem naquela situação. Tal formação simbólica é fragmentada e os boatos se utilizam tanto do cotidiano quanto de nossas experiências para estabelecer valor enquanto busca sobrevivida nas agendas de debate públicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que serve um boato numa crise democrática? Uma das razões tem a ver com o modo como, dentro da democracia, a liberdade é sustentada como um alicerce do povo. A liberdade de informação e de imprensa são redes de confiança que trabalham conjuntamente para nivelar as deformidades e desigualdades sociais, trabalhando para apontar e auxiliar do ajuste das diferentes distorções a que somos expostos em uma democracia. Runciman, em *Como a Democracia Chega ao Fim* (2018), nos dá ainda outra pista para tratar da mecânica das redes que disseminam boatos, casos do Facebook, Twitter e Whatsapp: elas atuam sem o devido critério de zelo à verdade, e às regras de fiscalização. O autor nos faz compreender que a democracia moderna é, além de extremamente mecânica, também artificial e “não proporciona uma alternativa aos sistemas complexos que supostamente se encarrega de regular. Ela copia seu comportamento, tornando-se ela própria cada vez mais complexa e artificial” (idem).

Também por isso, vemos enfraquecidas e distorcidas as condições ideais de vida da democracia na atualidade. Expõe-se, assim, as rachaduras por onde os boatos passam e alimentam as tendências de comportamento e de decisão dos sujeitos. Com a influência da pós-verdade e da hipercomunicação de nosso tempo, vai-se-nos

suprimindo o tempo de tomadas de decisão e os boatos, com suas versões potencialmente verificáveis, parecem se tornar menos absurdos. Em um contexto onde também convivemos com a descrença nas instituições que deveriam representar e agir com políticas públicas, temos de lidar também com a especulação e a desconfiança.

As maneiras como os públicos formatam suas opiniões perpassam esses inúmeros arranjos que vão desde os canais disponíveis para acesso e suas temporalidades, os assuntos que despertam interesse, o modo como as diversas mensagens são recebidas, o estado de espírito dos sujeitos no momento da recepção desses estímulos, e ainda, a fidelidade com as crenças e medos, e a proximidade com a instituição que conversa quando fala de determinado assunto, se fala de maneira aceitável, se sua estética, retórica e representação são adequadas.

Vivos, atuando e interagindo, nos posicionamos no presente devido ao que sabemos e já vivemos do mundo, e também a partir das expectativas de futuro que o presente pode nos gerar. Se o nosso presente está repleto de incertezas (crise política, crise econômica, instabilidade financeira, inflação, conflitos envolvendo o cargo da Presidência da República), nossa reação em relação ao futuro pode ser o de garantir alguma estabilidade lógica, fazendo com que juntemos os fragmentos do que acreditamos ser plausível e repassemos informações acreditando ou não nelas.

Os boatos participam da dinâmica de opinião pública quando, ao aparecerem, revelam uma natureza especulativa e mobilizadora, que posiciona os sujeitos no presente, em relação ao futuro. Quando interagimos, coletivamente construímos os sentidos simbólicos que alimentam os diferentes públicos interessados nos diferentes boatos que circulam. É preciso alimentar a máquina interpretativa dos indivíduos.

Boatos circulam em meio à opinião pública e são dependentes das conversações, trocas, interações sociais e tudo que disso implica: os limites de acesso tecnológico, os preconceitos e esperanças públicos, os níveis de entendimento dos que interagem, a propensão a se acreditar em um lado e não em outro, o acesso à informação e aos canais de imprensa. Depende das dinâmicas da opinião pública e se moldam com a contemporaneidade, assimilando características de cada tempo. No caso, da crise de regime e de funcionamento democráticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Verdade e Política**. 1967. Tradução de: Manuel Alberto. Arquivo digital.
- BOATOS.ORG. **Os cinco desmentidos de fake news mais lidos de 2018 no Boatos.org**. Acesso: <https://www.boatos.org/lista/textos-mais-lidos-de-2018.html>. 2018
- _____. **Luiz Fux determina fim de auxílio para anistiados**. Acesso: <https://www.boatos.org/politica/luiz-fux-stf-fim-auxilio-anistiados.html>
- _____. **Retrospectiva 2018 de fake news**. Acesso: <https://www.boatos.org/lista/retrospectiva-2018-das-fake-news.html>
- BRASIL. TRE-MG. **Justiça eleitoral esclarece boato sobre voto incompleto ou parcial**. Acesso: <http://www.tre-mg.jus.br/imprensa/noticias-tre-mg/2018/Outubro/justica-eleitoral-esclarece-boato-sobre-voto-incompleto-ou-parcial>
- CRISE. **Dicionário Michaelis**. Acesso: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=crise>
- CRUZ, Iasminny Thábata Sousa. **Condições de oportunidade dos rumores: o boato do confisco da poupança numa dinâmica de formação da opinião pública**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais. p. 194. 2018.
- CRUZ, Iasminny Thábata Sousa; HENRIQUES, Márcio Simeone. **Paralisações na estrada, opinião pública em movimento: análise exploratória dos tuítes do @planalto e questões de influência durante a greve dos caminhoneiros do Brasil**. II Jornada de Comunicação Pública Porto Alegre. 27 a 29 de agosto de 2018.
- DIFONZO, N. **O poder dos boatos: como os rumores se espalham, ditam comportamentos, podem ser administrados e por que acreditamos neles**. Rio de Janeiro. Ed.Campus. 2009
- E-FARSAS. **É verdade que o PT de Haddad distribui mamadeira erótica nas escolas?** Acesso: <http://www.e-farsas.com/e-verdade-que-o-pt-de-haddad-distribui-mamadeira-erotica-nas-escolas.html>
- FOLHA DE S.PAULO. **Projeto confere veracidade de 106 boatos sobre eleições em dois meses**. Acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/projeto-veracidade-boatos>
- G1. **É fake que Haddad criou kit gay para crianças de seis anos**. Acesso: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>
- _____. **Poupança fraterna, alvo de boatos, limita gastos familiares**. Acesso: <http://g1.globo.com/noticias/politica/poupanca+fraterna+alvo+de+boatos+limita+gastos+familiares.html>
- ISTOÉ. **Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias**. Acesso: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>
- KAPFERER, Jean-Noel. **Boatos, o mais antigo mídia do mundo**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1993. Tradução: MAYA, Ivone M.C.
- LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **How Democracy Dies**. 2018
- MOUNK, Yascha. **O Povo contra a Democracia - Porque nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. 2019.
- RUNCIMAN, David. **How Democracy Ends**. New York: Basic Books, 2018.